

OS TRÊS PORQUINHOS E A ARQUITETURA BIOCLIMÁTICA

UM PONTO DE VISTA EM PROL DA DIVERSIDADE CULTURAL¹

Claudete Gebara J. Callegaro

Arquiteta e Urbanista, mãe e avó.

São Paulo, 13 de junho de 2019.

There was an old sow with three little pigs, and as she had not enough to keep them, she sent them out to seek their fortune.

The first that went off met a man with a bundle of straw, and said to him: - "Please, man, give me that straw to build me a house." [...]

The second little pig met a man with a bundle of furze, and said:

- "Please, man, give me that furze to build a house." [...]

The third little pig met a man with a load of bricks, and said:

- "Please, man, give me those bricks to build a house with."

(JACOBS, 1890)

Vocês já ouviram falar nos Três Porquinhos? Aqueles das casinhas de palha, madeira e tijolos; que o lobo urra, bufa e sopra para derrubar e comer os porquinhos? Então, antes de me acompanhar nestas reflexões, tentem lembrar a história infantil como se fossem contá-la para alguém. Experimentem não consultar livros ou filmes e vejam o que permaneceu em sua memória.

Para quem não sabe do que estou falando, mais adiante apresento algumas versões dessa popular história infantil, que se enquadra na categoria de conto de fadas ou conto fantástico.

Sintetizando a história, trata do amadurecimento infantil (porquinhos), com o domínio do sentido de realidade (casinhas) sobre os impulsos de prazer, aprendendo a controlar nosso lado obscuro (lobo). O primeiro porquinho constrói um abrigo de palha; o segundo, uma cabana de gravetos; finalmente, o terceiro faz sua casa de tijolos. As duas primeiras casinhas o lobo sopra e destrói para comer os porquinhos, mas a última permanece firme e forte. Como veremos mais adiante, na versão tradicional, outros eventos ocorrem entre o último porquinho e o lobo, demandando cada vez mais inteligência do porquinho, até que este supera a voracidade e a esperteza daquele e prossegue a vida fortalecido.

Como mãe e avó, nem sei quantas vezes contei essa história (e continuo contando), com e sem fantoches, só com palavras e gestos, ou folheando edições de muitos tipos e épocas. Nessas 4 décadas de porquinhos e lobo, tanto o conto quanto a época se transformam, incluindo o meu olhar; aspectos que antes não traziam dúvida, agora trazem, pelo menos a mim. É o caso da metáfora das casinhas dos porquinhos.

¹ Agradeço à Internet por dispor muitas das ilustrações apresentadas neste texto de reflexão, que compartilho com os amigos. Tomei-as emprestadas mesmo sem verificação de domínio, com o cuidado de indicar a fonte de origem, esperando não ferir nenhuma regra.

PROBLEMÁTICA

Entendo que esses materiais citados – palha, madeira e tijolo - tenham massas (kg) diferentes, interferindo na hora do manuseio e talvez por isso escolhidos para a metáfora, porém insisto que não sejam, eles, as estrelas do conto.

Por que afirmar que uma edificação de palha ou madeira seja menos adequada do que uma de tijolos? Será que basta ser de tijolos para garantir segurança? Por que construir uma casa de tijolos onde não houver argila, se uma casa com madeira de reflorestamento for mais viável? A palha, com ventilação permanente, pode ser o ideal num clima quente e úmido e, além disso, é um material renovável e biodegradável.



Construção de tijolos desmoronada:

<https://www.cimentoitambe.com.br/novel-a-lembra-20-anos-do-palace-ii-o-que-e-mito-o-que-e-verdade/>



Cabana de madeira em montanhas frias:

<https://www.decorfacil.com/casas-de-madeira/>

Oca de palha de aldeia Camaiurá, na Amazônia:

<https://escola.britannica.com.br/artigo/oca/483413/recursos/148783>



Deixemos de lado a discussão sobre favelas, construções em locais de risco e outras situações ligadas à pobreza, que daí tem lobo, sim. Todavia, será que asocas indígenas feitas de palha, ou as construções serranas, o lobo ataca com mais facilidade? Cuidado com o preconceito, mesmo que involuntário!

A meu ver, é preciso que fique claro, ao se contar essa história, que a questão não é a materialidade em si (palha, madeira, tijolo), mas a análise do ambiente, a inteligência nas escolhas, o planejamento, o empenho no fazer. A poesia e o objetivo do conto podem ser reforçados, sem que a percepção da beleza da diversidade de materiais e da multiplicidade de soluções humanas sejam comprometidas; um esforço que entendo válido na delicada e fundamental infância de nossas crianças. Será que vocês concordam comigo?

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA (OU DIMINUI) UM PONTO...

Nas viagens pela fantasia, nem sempre o descrito é factível no mundo material, e isso faz parte do jogo; contudo, mesmo cientes disso, vale ficarmos alertas para alguns conceitos paralelos, contidos em variações de imagem e texto sobre os 3 Porquinhos e, talvez, outros contos.

“A História dos Três Porquinhos” é um conto popular inglês. Foi coletada pelo folclorista australiano Joseph Jacobs, radicado na Inglaterra, onde a publicou em 1890, no livro “*English Fairy Tales*”. O texto original pode ser encontrado na Internet com outras histórias fantásticas também coletadas por ele. <http://www.gutenberg.org/files/7439/7439-h/7439-h.htm>.

□

THE STORY OF THE THREE LITTLE PIGS

*Once upon a time when pigs spoke rhyme
And monkeys chewed tobacco,
And hens took snuff to make them tough,
And ducks went quack, quack, quack, O!*

*There was an old sow with three little pigs, and as she had not enough to keep them, she sent them out to seek their fortune. The first that went off met a man with a bundle of straw, and said to him:
- “Please, man, give me that straw to build me a house.”*

Which the man did, and the little pig built a house with it. Presently came along a wolf, and knocked at the door, and said:

- “Little pig, little pig, let me come in.”

To which the pig answered:

- “No, no, by the hair of my chiny chin chin.”

The wolf then answered to that:

- “Then I’ll huff, and I’ll puff, and I’ll blow your house in.”

So he huffed, and he puffed, and he blew his house in, and ate up the little pig.

The second little pig met a man with a bundle of furze, and said:

- “Please, man, give me that furze to build a house.”

Which the man did, and the pig built his house. Then along came the wolf, and said:

- “Little pig, little pig, let me come in.”

- “No, no, by the hair of my chiny chin chin.”

- “Then I’ll puff, and I’ll huff, and I’ll blow your house in.”

So he huffed, and he puffed, and he puffed, and he huffed, and at last he blew the house down, and he ate up the little pig.

The third little pig met a man with a load of bricks, and said:

- “Please, man, give me those bricks to build a house with.”

So the man gave him the bricks, and he built his house with them. So the wolf came, as he did to the other little pigs, and said:

- “Little pig, little pig, let me come in.”

- “No, no, by the hair of my chiny chin chin.”

- “Then I’ll huff, and I’ll puff, and I’ll blow your house in.”

Well, he huffed, and he puffed, and he huffed and he puffed, and he puffed and huffed; but he could not get the house down. When he found that he could not, with all his huffing and puffing, blow the house down, he said:

- “Little pig, I know where there is a nice field of turnips.”

- “Where?” said the little pig.

- “Oh, in Mr. Smith’s Home-field, and if you will be ready tomorrow morning I will call for you, and we will go together, and get some for dinner.”

- “Very well,” said the little pig, “I will be ready. What time do you mean to go?”

- “Oh, at six o’clock.”

Well, the little pig got up at five, and got the turnips before the wolf came (which he did about six) and who said:

- "Little Pig, are you ready?"

The little pig said: "Ready! I have been and come back again, and got a nice potful for dinner."

The wolf felt very angry at this, but thought that he would be up to the little pig somehow or other, so he said:

- "Little pig, I know where there is a nice apple-tree."

- "Where?" said the pig.

- "Down at Merry-garden," replied the wolf, "and if you will not deceive me I will come for you, at five o'clock tomorrow and get some apples."

Well, the little pig bustled up the next morning at four o'clock, and went off for the apples, hoping to get back before the wolf came; but he had further to go, and had to climb the tree, so that just as he was coming down from it, he saw the wolf coming, which, as you may suppose, frightened him very much. When the wolf came up he said:

- "Little pig, what! are you here before me? Are they nice apples?"

- "Yes, very," said the little pig. "I will throw you down one."

And he threw it so far, that, while the wolf was gone to pick it up, the little pig jumped down and ran home.

The next day the wolf came again, and said to the little pig:

- "Little pig, there is a fair at Shanklin this afternoon, will you go?"

- "Oh yes," said the pig, "I will go; what time shall you be ready?"

- "At three," said the wolf. So the little pig went off before the time as usual, and got to the fair, and bought a butter-churn, which he was going home with, when he saw the wolf coming. Then he could not tell what to do. So he got into the churn to hide, and by so doing turned it round, and it rolled down the hill with the pig in it, which frightened the wolf so much, that he ran home without going to the fair. He went to the little pig's house, and told him how frightened he had been by a great round thing which came down the hill past him. Then the little pig said:

- "Hah, I frightened you, then. I had been to the fair and bought a butter-churn, and when I saw you, I got into it, and rolled down the hill."

Then the wolf was very angry indeed, and declared he would eat up the little pig, and that he would get down the chimney after him. When the little pig saw what he was about, he hung on the pot full of water, and made up a blazing fire, and, just as the wolf was coming down, took off the cover, and in fell the wolf; so the little pig put on the cover again in an instant, boiled him up, and ate him for supper, and lived happy ever afterwards. (JACOBS, 1890)

Nessa versão de Jacobs, observem que os primeiros porquinhos são comidos pelo lobo e, no final, o lobo vira sopa, morre. Além disso, antes de apelar para a chaminé, o lobo tenta trapacear o último porquinho para caçá-lo, chamando-o para fora da casinha sob pretextos variados, porém sem sucesso; o porquinho vence o lobo pela inteligência e pelo labor. Há inúmeras publicações dessa história, em geral reduzidas, simplificadas, amenizadas e com muitas imagens; diferem muito da original, em que o colorido é dado pela descrição em palavras, pelas interjeições e rimas, expressões idiomáticas e figuras de linguagem, além da arte do contador.

Ressalto, aqui, que me causa estranheza Jacobs (1890) não descrever nem os materiais, nem a labuta dos porquinhos; aliás, ele também não explicita a "moral" da história.² Isso muda na versão mais conhecida de todos nós, trazida por Walt Disney na primeira metade do século XX, na mesma época em que surgem os super-heróis norte-americanos, dos quais somos fruto.

² Em algum lugar li, que a moral dos contos de fadas só começou a ser explicitada de alguns séculos para cá. Não sei mais a respeito, nem como o conto age no inconsciente sem que se pontue seus aspectos principais. A resposta a isso pode, inclusive, conflitar com algumas de minhas afirmações aqui e estou aberta a considerações dos entendidos. Psicanalistas e outros especialistas, venham opinar, por gentileza!

Em 1933, Walt Disney lançou a comédia musical “Os Três Porquinhos”, em desenho animado, e a versão mais conhecida pode ser assistida, já traduzida, em <https://www.youtube.com/watch?v=NIqonzZE3yU>. Os protagonistas são *Fifer Pig* (porco flautista), *Fiddler Pig* (porco violinista) e *Practical Pig* (porco prático), trazidos na versão brasileira como Cícero, Heitor e Prático. Esta é minha versão livre, a partir do enredo do desenho animado:

Era uma vez, três porquinhos chamados Cícero, Heitor e Prático, o mais velho deles. Um dia, deixaram a casa de sua mãe e foram construir suas próprias casas.

Prático disse que faria sua casa de tijolos, à prova de lobo; os irmãos riram e disseram que palha e madeira seriam mais simples. Enquanto Prático trabalhava muito, seus irmãos fizeram suas casas depressa e logo terminaram a tarefa. Mesmo alertados para o perigo que o lobo representava, aos porquinhos mais novos importava mais brincar, dançar e cantar: “Quem tem medo do lobo mau, lobo mau...” 

Uma noite, veio um lobo da floresta e bateu na casinha de Cícero, feita de palha, querendo entrar; o porquinho apavorado não abriu a porta. Então o lobo estufou o peito e soprou forte e a casa foi pelos ares. O porquinho mais novo, então, fugiu do lobo e correu para a casa do irmão do meio.

O lobo chegou na casinha de madeira, de Heitor, e gritou que queria entrar, mas ninguém abriu a porta. Então ele estufou novamente o peito, soprou e soprou novamente, e tudo desmoronou. Os irmãos correram para a casa de Prático, o irmão mais velho, aquela construída com tijolos.

O lobo bateu na porta da casinha de tijolos, urrou e a soprou várias vezes, mas essa nem se mexeu. Lá dentro, os porquinhos cantavam e dançavam, porém, Prático permanecia atento e previu que o lobo não desistiria à toa.

O lobo tentou enganá-lo, passando-se por vendedor de algum produto, mas o porquinho se mostrou mais esperto e não caiu na armadilha. Preparou-se para novo ataque do lobo.

Percebendo que a chaminé seria o ponto de entrada, Prático manteve um caldeirão com água fervente na lareira, sob a chaminé. (No filme, ele aparece, maldosamente, adicionando terebintina à água, um diluente orgânico que aumentaria a queimadura.) O lobo desceu pela chaminé, caiu dentro do caldeirão e, antes que morresse queimado, rapidamente fugiu de volta para a floresta.

E assim, os três porquinhos viveram felizes, brincando, cantando e dançando dentro e fora da casinha de tijolos. “Quem tem medo do lobo mau, lobo mau, lobo mau!...” 

A história por um lado diminui um ponto, e nem porquinhos e nem lobo morrem; também as artimanhas do lobo foram simplificadas, o que é uma pena; comparem com a versão de Jacobs! Por outro lado, o musical de Disney aumenta alguns pontos. P. ex., explicita uma “moral” para a história, ao mostrar o custo-benefício do trabalho árduo em relação ao prazer imediato, tendo como resultado a segurança em relação ao lobo; essa moral fica clara no diálogo musicado entre os porquinhos. Creio que também seja o caso da definição de instrumentos musicais específicos para cada porquinho – sopro (Cícero), cordas (Heitor), piano (Prático); talvez isso se relacione com a classificação de temperamentos de que trata a Antroposofia. Vejam mais em <http://www.antroposofy.com.br/wordpress/a-musica-e-a-atencao-a-individualidade-dos-temperamentos/> Eu sei! Viajo na maionese, mas vocês podem discordar, me puxar para a Terra!

Voltando à questão das casinhas, no filme de Disney, as músicas salvam o cerne da história; fossem só as imagens, nos depararíamos com uma incoerência. As casinhas parecem, todas, muito bem construídas e, como tal, mesmo de palha ou madeira, não iriam pelos ares só com um sopro de lobo!

Quem tem medo do Lobo Mau

Com palha eu faço a casa
Pra não me esforçar,
Na minha casinha
Eu toco a flautinha
Eu gosto é de brincar!

De vara é minha casa
É onde eu vou morar,
Mas eu não me amofino
Vou tocando violino
O que eu gosto é de dançar!

Eu faço a minha casa
Com pedra e com tijolo,
Pra trabalhar não sei dançar
Pois não sou nenhum tolo.

Ele não sabe brincar, nem cantar, nem dançar
Só o que sabe é trabalhar.

Podem rir, dançar e brincar
Que não vou me aborrecer,
Mas não vai ser brincadeira
Quando o lobo aparecer.

Quem tem medo do Lobo mau,
Lobo mau, Lobo mau----- Bis
Dou um soco no nariz
Eu dou-lhe um bofetão
Eu dou-lhe um pontapé
Derrubo ele no chão.

Quem tem medo do Lobo mau,
Lobo mau, Lobo mau...

Letra obtida em: <http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=24>.

Casinhas do desenho animado: <https://www.youtube.com/watch?v=NIqonzZE3yU>.



Logo no início deste ensaio, pedi que relembassem o conto. Eu me lembrava da história publicada na coleção “O Munda da Criança” de 60 anos atrás, da qual não tenho os demais dados, mas era encadernada em vermelho. Creio que trazia a versão de Jacobs, pois me lembro até da imagem e da sensação da barrica descendo a ladeira. As musiquinhas de Disney, ouvidas de discos coloridos de 78 rotações/minuto, permanecem grudadas em minha memória até hoje, e já cantei várias vezes o refrão com meus netos: 🎵 “Quem tem medo do lobo mau, lobo mau, lobo mau?” 🎵 E vocês? Do que se lembram?

Prosseguindo pelas versões mais recentes desse conto, numa das que li para meu netinho, a mãe dos porquinhos reencontrou-os no final de tudo e moraram todos juntos e felizes na casa de tijolos. Novos tempos? Reeducação para amparo à terceira idade? Será que esse novo desfecho não conflita com a evolução pretendida na história? Assunto para os terapeutas.

À medida que os anos passam, é crescente a substituição das palavras por figuras. Quem será que não tem mais paciência, os contadores da história ou seus expectadores? Será que devemos enfatizar a questão do custo-benefício entre trabalho e lazer como em Disney (1933), ou nos manter neutros como em Jacobs (1890)? E daí como fica o respeito à diversidade cultural que nos trouxe até estas reflexões?

SOBRE A ILUSTRAÇÃO DAS CASINHAS

A história dos 3 Porquinhos e o Lobo Mau mexe demais com as crianças pequenas. Elas nos pedem que repitamos vinte vezes a mesma história; tanto os porquinhos quanto o lobo mau viram astros de teatrinho, decoração e atividades em festas de aniversário, roupas, canecas, filmes, musiquinhas, cem versões diferentes de livrinhos etc. Nesse contexto, é natural que cada artista/contador/ilustrador se baseie em seu repertório individual de conhecimentos e ninguém é obrigado a saber de tudo! Só que é aí que acontecem as distorções que mencionei no início desta exposição, que, se tempos atrás passariam despercebidas, hoje se precisa cuidar para evitar discriminação.

Do mesmo modo que critiquei as casinhas do musical de Disney, pergunto: por que essas lindas e bem construídas casinhas iriam pelos ares com um ou dois sopros de lobo? E a cabana e a oca das páginas anteriores, as palafitas pelo país a fora?



As 3 casinhas. Parte do cenário da festa de aniversário de 3 anos de meu neto Francisco, em 2019, com temática dos Três Porquinhos.

Contos folclóricos atravessaram séculos se modificando, adaptando-se às realidades locais; ora se floreando, ora se reduzindo, com versões que variam de acordo com a imaginação do contador da história e as características de seu público. Em princípio transmitidos apenas com palavras, os contos fantásticos (ou contos de fadas) permitem que o receptor participe com sua imaginação na composição das cenas. Tanto para as crianças como para nós adultos, esse exercício mental e emocional colabora com a construção do imaginário individual e enriquece o mundo de cada um.

Essas histórias de fadas facilitam que cada indivíduo traga para a consciência, por meio da linguagem, o que se passa em seu inconsciente naquela sua fase evolutiva, com sua velocidade, do seu jeito. Será que o excesso de imagens prontas não estaria reduzindo o incentivo à manifestação do inconsciente individual? Ainda se fizerem sentido, tudo bem, mas nem sempre isso ocorre.

Posso ser exagerada, mas me incomoda ver a matéria física enaltecida em detrimento da inteligência. Será que, mesmo que a fase do medo do lobo já se tenha resolvido, não restará algum ranço de preconceito em relação a esses outros modos de abrigo? Qual será o sentimento de seu filho ao acantonar numa cabana de madeira, em viagem com os coleguinhas a uma região de mata; temor, pobreza, fragilidade? Com que olhos ele vivenciará uma oca indígena feita de palha; leseira?

Voltemos ao primeiro porquinho, o da **casinha de palha**, Cícero flautista; fez algo rápido para logo ir brincar.³ Entendo que o objetivo do conto seja que a criança perceba que fazer uma coisa de qualquer jeito, com pouco esforço, para logo ir brincar, pode não ser a melhor opção. Sendo assim, o que poderia ser representado como “casinha de palha”, do porquinho mais novo, talvez fossem descrição e ilustração de um esconderijozinho quentinho, primitivo, sem elaboração, de tal modo que, com um sopro, já fosse pelos ares.

O segundo porquinho, o Heitor violinista, **da casinha de madeira**, também queria logo sair para dançar e cantar. Esmerou-se um pouco mais que seu irmão, talvez tenha se empenhado em trançar uns gravetos ou amarrá-los com uma corda, todavia não o suficiente para travar a edificação à prova de lobo; por isso desmoronou no segundo sopro. A meu ver, e insisto, precisa ficar claro na descrição e na ilustração, que a questão não é o material escolhido, mas a inteligência na concepção da construção, o esforço, o esmero; representam estágios do amadurecimento espiritual. As ilustrações a seguir me parecem adequadas e foram emprestadas de um livro que eu lia para meus filhos, 3 décadas atrás.



Casinhas de palha e de gravetos. EDITORIAL VERBO, 1986.

Quanto à **casinha de tijolos** do porquinho Prático, o mais velho, tudo bem!⁴ Sem dúvida é a mais robusta, mais resistente a incêndios e ventanias; é provável que até a apólice de seguros seja menos cara! A chaminé pode não ser comum nas nossas cidades tropicais, mas no campo ainda tem sentido, tanto para cocção, como para aquecimento. Contudo, mais uma vez, a ênfase

³ Será que a expressão “ficar na flauta” vem daí ou precedeu o conto e o folclorista dela se aproveitou para descrever o porquinho mais novo? Linguistas, por favor, nos esclareçam!

⁴ Novos materiais para composição do tijolo, uso de material reciclado, tecnologias com menor consumo de energia; não é a discussão, mas é bom que se saiba que há muita coisa nova para derivação em outras histórias.

precisa recair na inteligência do porquinho, em seu esforço para compreender o contexto (terreno, material disponível, pontos fracos e fortes, caráter do lobo, esperteza para se antecipar a suas pretensões) e para planejar as etapas (material, tempo de execução, víveres para suportar o tempo de confinamento até o lobo ir embora, caldeirão na lareira); valorizar o esforço de construção (tempo, força, persistência, resistência à tentação de ir brincar) e assim por diante, afinal, é o final dessa saga do amadurecimento individual.

AS VARIÁVEIS ENVOLVIDAS NO CONTO

A esfinge das dúvidas vive me atormentando e me soprando outras tantas perguntas: Por que porquinhos?⁵ De onde eles vêm? Por que razão os porquinhos resolvem morar separados? Qual é o significado da casinha para cada porquinho? Que lobo é esse? Que relação há entre a idade dos porquinhos e sua habilidade em tratar com o lobo? Por que as novas versões deste conto (e de outros tantos) são mais suaves do que as antigas? Que novo lobo é esse que não come mais os porquinhos mais novos? Com a faca e o queijo nas mãos, por que esse porquinho finalista não faz sopa de lobo e resolve de vez seu problema? E por que razão essa nova versão de mãe dos porquinhos resolve reaparecer para morar com eles?

A obra “A Psicanálise dos Contos de Fadas”, de Bruno Bettelheim, é uma das referências recorrentes. Investe nesse conto, abordando muitos aspectos que respondem à maior parte desses questionamentos. Adota como centro da história nossa luta interior entre os princípios do Prazer e da Realidade, no processo de crescimento do ser humano; em torno disso, chama atenção para outros aspectos: sair de casa (paraíso perdido?), exposição dos próprios medos e do lado obscuro de cada um (lobo), aprender a cuidar de si (crescimento), desprendimento de formas primárias de existência (versões 1 e 2 dos porquinhos que deveriam ser comidos pelo lobo), resistência à voracidade oral (estratégias do lobo para tirar o último porquinho de casa: nabos, maçãs, feira).

É melhor parar por aqui. Estender-me nessa linha psicanalítica extrapolaria minha formação teórica e fugiria das reflexões ambientais a que me propus compartilhar.⁶ Interessa, contudo, definir o cerne do conto e como auxiliar os contadores de história a reportarem as casinhas. Lembro, mais uma vez, que estas reflexões são minhas, pessoais, neste momento (junho de 2019) e poderão ser modificadas na medida em que outros entendimentos me sejam expostos!

⁵ Em pesquisa rasa, pela Internet, encontrei a justificativa do uso da imagem de porquinhos, e não de crianças, por estas ainda não estarem em estágio de consciência apropriado para assimilar a essência do conto. Também encontrei menção à mitologia grega, com Circe transformando homens em porcos, e à Bíblia, com a expressão cristã de “não jogar pérolas aos porcos”. Em todos esses casos, a questão é o estágio evolutivo humano.

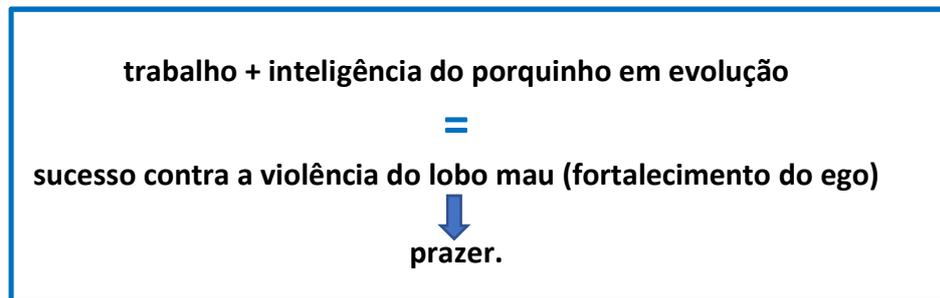
⁶ Guardei as respostas para mim, mas deixo aqui algumas dicas.

Há várias fontes interessantes com pistas sobre o assunto e bibliografia reconhecida, p. ex.:

http://pernypsicoarte.blogspot.com/2013/09/literatura-infantil-os-tres-porquinhos_30.html?m=1.

Ali se vê que não são 3 porquinhos, e sim a evolução de um mesmo (espírito humano); daí não haver sentido em o lobo não comer os primeiros porquinhos; pelas mesmas razões, entendo eu, não tem sentido a mãe voltar. Quem sabe os pensadores mais recentes expliquem de outro modo.

Pelas reflexões que nos trouxeram até aqui, se compreendido o panorama geral da historinha, podemos constatar que a matéria física das casinhas seja apenas uma das variáveis da questão. Algo desse tipo:



Onde se pode entender que:

| | |
|----------------------|--|
| Esforço intelectual: | conhecimento (local da casa, escolha e obtenção do material , modo de construí-la) |
| Esforço emocional: | previsão das ações do lobo e saída da zona de conforto (acordar mais cedo, obter víveres e objetos de conforto, caldeirão com água fervente) |
| Esforço físico: | tempo, suor, habilidade |
| Sucesso: | sobrevivência, segurança, tempo livre |
| Reconhecimento: | prazer tardio mas duradouro (brincar, cantar, dançar livre) |

Ao relacionarmos as casinhas dos porquinhos com os preceitos da arquitetura bioclimática, espero que os contadores da história (escritores, ilustradores, pais e outros) dose a atenção sobre a matéria bruta (palha, madeira, tijolo), sem menosprezar o que se pratica em outros meios, e concentrem energia no cerne da história: a valorização da inteligência e do esforço de cada porquinho. Tomara que assim se tenha um problema futuro a menos de preconceito. Ninguém quer um lobo novo na história, não é mesmo?!

ARQUITETURA BIOCLIMÁTICA E AS CASINHAS DOS PORQUINHOS

Passamos por um processo de transição na forma de entender e viver o mundo, tanto em nosso íntimo como nas ações mundiais. Até cerca de quatro ou cinco décadas atrás, ser bem-sucedido implicava em aperfeiçoamento de tecnologias de exploração da natureza, como se nós não fizéssemos parte dessa mesma natureza. Infelizmente, alguns insistem em permanecer nesse modelo de soberba, sem perceber que emanam certo ranço de algo ultrapassado.

A enorme destruição ocorrida na II Grande Guerra fez com que o medo permeasse as relações em todos os âmbitos e escalas. Guerra Fria, desemprego sistêmico decorrente de novas tecnologias industriais, uso descontrolado de matéria prima com impactos sobre a saúde das populações, entre outros aspectos, forçaram a que as nações agissem em conjunto, na revisão dos modelos de desenvolvimento prevalecentes. Nesse cadinho, posturas filosóficas e práticas mais naturalistas ganharam espaço; assim, iniciou-se um processo de mudança de paradigmas,

trazendo ao senso comum um novo ideal, o de seres humanos mais colaborativos entre si, com consciência de que somos uma das espécies da Natureza, que os recursos necessários a nossa propagação como espécie são finitos e, para sobrevivermos neste planeta, nossas ações precisam ser consequentes, sustentáveis. Trata-se da visão ecológico-sistêmica, por essência suprapartidária sob ponto de vista político, que tende a permear todas as nossas relações numa cultura de paz. Acredito nisso! ⁷

Meu questionamento sobre a propagação de modelos de casinhas de porquinhos se encaixa nesse movimento pela sustentabilidade ambiental, liderado pela Organização das Nações Unidas (ONU), ratificado por muitos países e ramificado até o nível dos municípios e de nós, indivíduos. A criação de espaços habitáveis e sustentáveis faz parte disso, com uma revisão da cadeia produtiva das várias tecnologias de construção.

Esse entendimento resume o conceito de Arquitetura Bioclimática, onde se valoriza a utilização de materiais autóctones (próprios de cada meio), o aprendizado sobre o modo tradicional de construção e seu aperfeiçoamento, a integração visual e a redução do impacto sobre o meio físico, evitando-se a importação de materiais, de estética, de mão de obra e energia.⁸

Talvez um dos aspectos mais relevantes da arquitetura bioclimática seja a busca de alta eficiência energética. Pela observação da tradição de cada local, da percepção das condições de clima e insumos, pode-se projetar com a natureza, e não contra ela.

Por exemplo, quando se aproveita Sol, ventos, umidade naturais para obter condições de conforto, evita-se consumir energia para iluminação, refrigeração ou aquecimento, desnecessariamente; com isso, reduz-se o impacto sobre o meio: menos represas, menos cabos, menos poluição e rejeitos de produção. Quando se considera relevo, vegetação, solo, pode-se propor um desenho que evite transferência de material entre regiões, caminhões, combustível, fumaça, assim como menor probabilidade de recalques e rachaduras que coloquem em risco a segurança; também se pode propiciar maior equilíbrio da paisagem, preservar as especificidades que tanto nos encantam, além de condições para variação de temperaturas entre pontos por

⁷ Tenho uma página em meu site de arquitetura, que resume esse processo de mudança de consciência ambiental, em busca da sustentabilidade no presente e no futuro, sem abandonar a cultura de origem de cada grupo humano. Dê uma olhada:

<https://claucallegaro.files.wordpress.com/2013/08/1-easu-ambiente-humano-e-preocupac3a7c3b5es-mundiais.pdf>.

Trata-se de parte do material didático de apoio da disciplina de “Estudos Ambientais” da graduação em Arquitetura e Urbanismo; a última revisão ocorreu em 2016 e ainda não menciona os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda da ONU para 2030. Estes podem ser encontrados em:

<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>.

Vale a pena investir alguns minutos nisso; não é discurso vago e teórico, mas indica as ações desejáveis no nosso cotidiano com vistas a nossos descendentes.

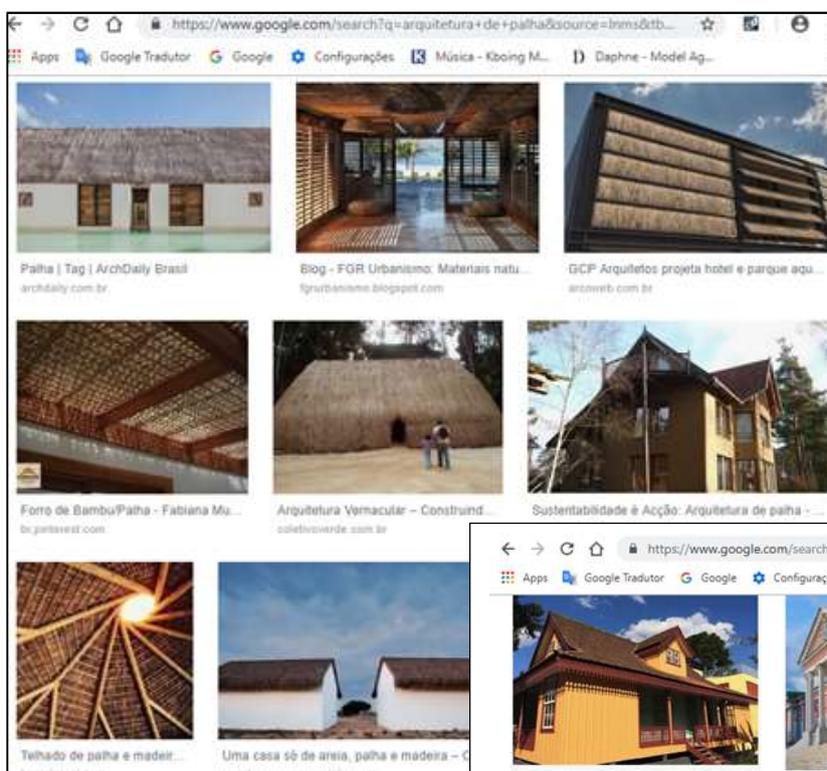
⁸ Veja um pouco mais disso em meu site, na introdução do grupo de disciplinas sobre Conforto Ambiental na Arquitetura: <https://claucallegaro.files.wordpress.com/2013/06/aula1-confortoambiental-introduc3a7c3a3o3.pdf>

Os Três Porquinhos e a arquitetura bioclimática – Um ponto de vista em prol da diversidade cultural.

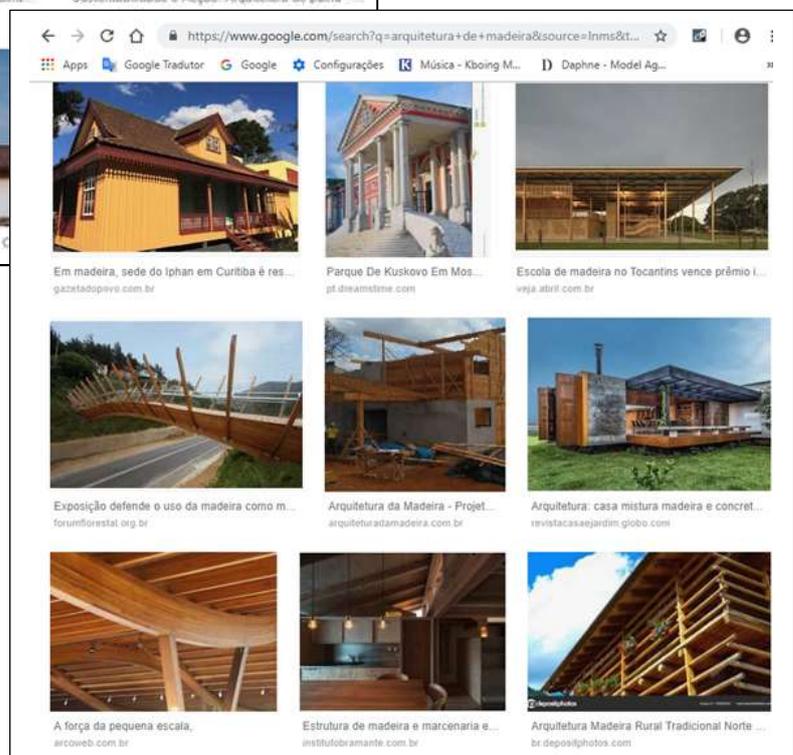
meio de vegetação de modo a forçar a ventilação natural, com conseqüente redução da presença de insetos e a formação de fungos que afetem a saúde das pessoas e dos ambientes.

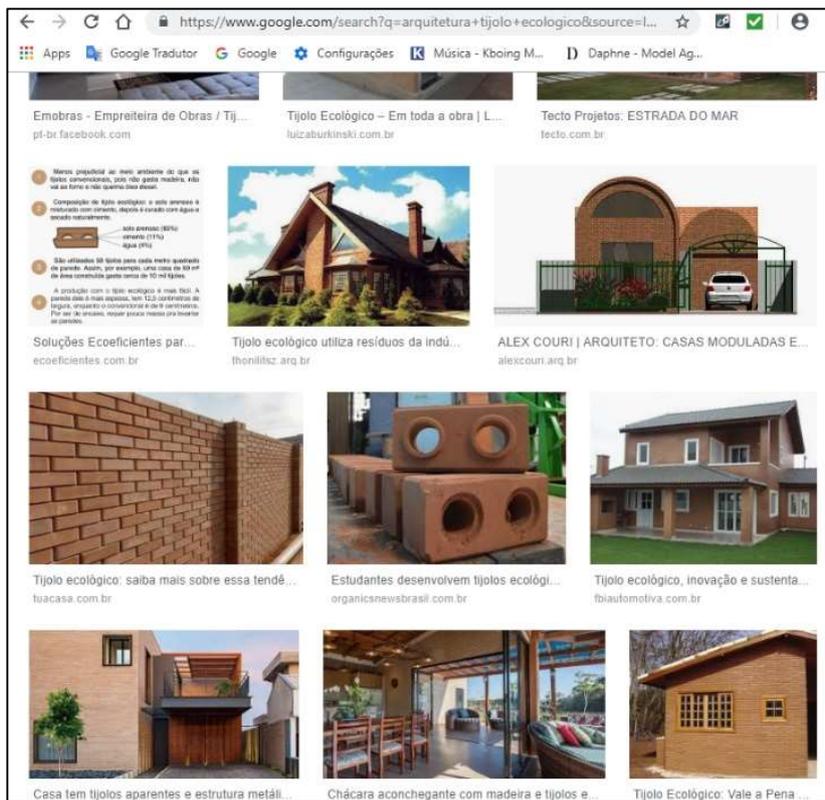
Pensam que arquitetura bioclimática, e essa minha preocupação com o que incutimos na cabecinha das crianças com as casinhas dos porquinhos, seja blá-blá-blá? Não é, não! Essa tendência é mais forte do que a arquitetura monumental que aparece em propagandas de turismo.

Pode, para alguns, parecer um retrocesso, mas isso é puro engano e preconceito! Encarem, apenas, como uma correção de rota; uma olhada para trás, com resgate da sabedoria ancestral para ajuste às novas necessidades; observação dos processos que a natureza escancara à nossa frente, aplicando-os em novas tecnologias. Vejam alguns exemplos de obras contemporâneas que, em nada, lembram algo obsoleto.



Imagens aleatórias obtidas no Google, em busca de: “arquitetura de palha” e “arquitetura de madeira”, em 15/03/2019.





Imagens aleatórias obtidas no Google, em busca de “arquitetura tijolo ecológico”, em 03/06/2019.

CONSOLIDAÇÃO DO CONCEITO DE ARQUITETURA BIOCLIMÁTICA NAS PRÁTICAS CONSTRUTIVAS

A postura ecológica que permeia todos esses pensamentos ainda é uma novidade para muitos e confunde aqueles mais ligados a partidarismos políticos e modelos econômicos tradicionais. Contudo, estamos avançando nesse entendimento. Vejam essas ações como exemplo.

As instituições que financiam a construção civil vêm disseminando esses preceitos de sustentabilidade, em consonância com o esforço da ONU, por intermédio das Certificações Ambientais exigidas para os financiamentos imobiliários. Por exemplo, o Selo Casa Azul CAIXA, lançado em 2010 como um sistema de Certificação Ambiental, incentiva a redução de impactos ambientais, e os empreendimentos imobiliários são avaliados a partir de critérios relacionados a qualidade urbana, projeto e conforto, eficiência energética, conservação de recursos materiais, gestão da água e práticas sociais.⁹

http://www.caixa.gov.br/Downloads/selo_casa_azul/Selo_Casa_Azul.pdf.

No Manual do Selo Azul, logo de início, afirma-se que “Ao se projetar uma habitação, é necessário aproveitar ao máximo as condições bioclimáticas e geográficas locais, estimular o uso de construções de baixo impacto ambiental, garantir a existência de áreas permeáveis e arborizadas, adotar técnicas e sistemas que propiciem o uso eficiente de água e energia, bem

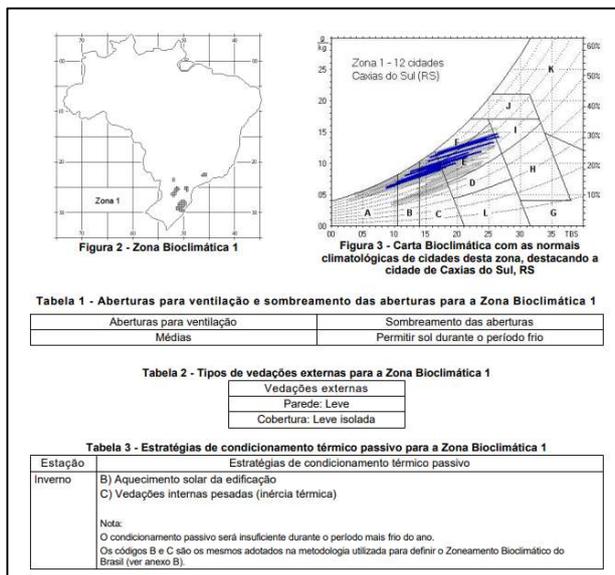
⁹Algo semelhante se faz em outros tantos selos nacionais e internacionais, todos em consonância com o esforço mundial pela saúde do planeta em que vivemos. Veja mais em:

<https://claucallegaro.files.wordpress.com/2013/08/7-easu-gestc3a3o-indicadores-e-certificac3a7c3b5es-ambientais.pdf>

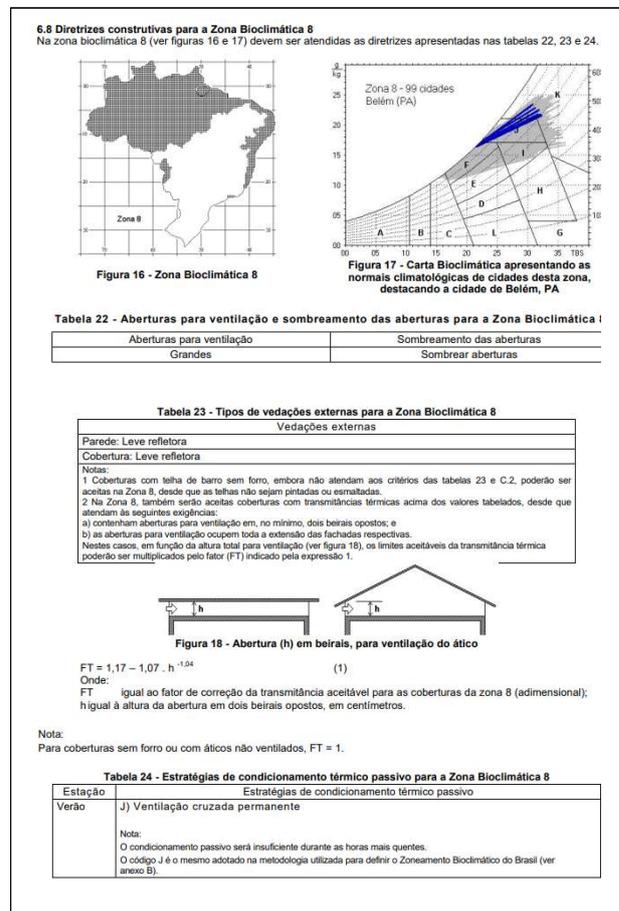
como realizar a adequada gestão de resíduos.” Como o objetivo é o financiamento imobiliário, eles complementam que “A habitação também deve ser duradoura e adaptar-se às necessidades atuais e futuras dos usuários, criando um ambiente interior saudável e proporcionando saúde e bem-estar aos moradores.” No caso da palha e da madeira das casinhas dos porquinhos, talvez a questão da durabilidade possa ser questionada; não sei se existem programas específicos para esses sistemas construtivos, mas, quando eles precisarem de financiamento da Caixa, podemos voltar ao assunto.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) lançou, em 2005, a Norma Brasileira 15.220, sobre desempenho das construções. A NBR 15.220-3 apresenta diretrizes construtivas e detalhamento de estratégias de condicionamento térmico passivo, visando orientar projetos arquitetônicos para habitações unifamiliares de interesse social em vários meios naturais. A norma parte da diversidade de condições bioclimáticas brasileiras, estabelecendo um Zoneamento Bioclimático Brasileiro com 8 zonas relativamente homogêneas quanto ao clima; estabelece as principais variáveis ambientais e alguns parâmetros que garantam certa segurança e saúde para as construções e seus usuários. Para cada uma dessas zonas, formula um conjunto de recomendações técnico-construtivas que otimizam o desempenho térmico das edificações, através de sua melhor adequação climática. A norma pode ser acessada em:

http://www.labeee.ufsc.br/sites/default/files/projetos/normalizacao/Termica_parte3_SET2004.pdf. Veja duas orientações bem diferentes dadas pela NBR 15.220-3, uma para locais de clima temperado de altitude e outra para locais de clima tropical úmido.



Estratégias para conforto térmico sugeridas para as zonas bioclimáticas 1 e 8, conforme NBR 15.220-3/2005 da ABNT. Informação extraída de http://www.labeee.ufsc.br/sites/default/files/projetos/normalizacao/Termica_parte3_SET2004.pdf



Essa postura ecológica cada vez mais se fortalece como novo paradigma de desenvolvimento, seja quando se fala em recursos energéticos e clima, seja quando se trata de respeito às diferenças culturais. É uma pena que haja pessoas que confundam essa visão com partidos políticos ou posturas extremistas político-econômicas. Enfim, enquanto amadurecemos como sociedade, vamos cuidar para que nossa saúde física e mental esteja preservada, na paz!

Concluindo, no caso das casinhas dos porquinhos, palha, madeira e tijolos podem, todos, ser bons materiais, e não deveriam ser, eles, as estrelas da historinha. Crianças de uma vila de pescadores praiana, das palafitas pelo interior do país, das zonas serranas, das cidades grandes e pequenas podem aprender a ficar a salvo do lobo, com inteligência, bom plano, execução esmerada de suas casinhas. É nisso que o contador, acho eu, precisa se fixar!

Haveria muito mais a conversar sobre isso, e há outras tantas histórias a revisar sob a luz que hoje nos guia, mas fico por aqui.

Boa sorte com suas crianças!

FONTES POR ORDEM DE CITAÇÃO

<https://www.cimentoitambe.com.br/novela-lembra-20-anos-do-palace-ii-o-que-e-mito-o-que-e-verdade/>

<https://www.decorfacil.com/casas-de-madeira/>

<https://escola.britannica.com.br/artigo/oca/483413/recursos/148783>

<https://www.youtube.com/watch?v=NIqonzZE3yU>

<http://www.antroposofy.com.br/wordpress/a-musica-e-a-atencao-a-individualidade-dos-temperamentos/>

<http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=24.>

<https://www.youtube.com/watch?v=NIqonzZE3yU>

<https://claucallegaro.files.wordpress.com>

[https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/.](https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/)

<https://www.google.com>

http://www.caixa.gov.br/Downloads/selo_casa_azul/Selo_Casa_Azul.pdf

[http://www.labee.ufsc.br/sites/default/files/projetos/normalizacao/Termica_parte3_SET2004.pdf.](http://www.labee.ufsc.br/sites/default/files/projetos/normalizacao/Termica_parte3_SET2004.pdf)

JACOBS, Joseph. *English Fairy Tales*. Londres, 1890. Disponível em:

<http://www.gutenberg.org/files/7439/7439-h/7439-h.htm>

EDITORIAL VERBO. **O Grande Livro dos Animais**. Ilustrações de Romain Simon e adaptação do francês para o português pela Editorial Verbo. Lisboa: 1986.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, várias edições.